Deyse Marinho
Ramiro Quaresma
Turenko Beça
org.



XUMUCUÍS #5

DES LENDA RIO

IMACA MAS

Xumucuís: Arte Contemporânea Digital Amazônica
foi contemplado no programa
Ações Continuadas - Artes Visuais / Funarte 2025.

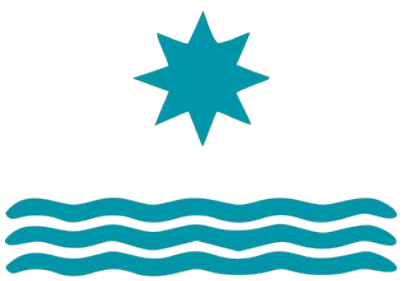
XUMUCUÍS #5 DESLENDÁRIO

APOIO MARABÁ / PA

APOIO MANAUS / AM

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO



Dados de catalogação da publicação

Marinho, Deyse Ane Ribeiro.

Xumucuís #5: Deslendário / Deyse Ane Ribeiro Marinho, Ramiro Quaresma da Silva, Anibal Turenko Beça ; texto de Ramiro Quaresma da Silva. — Belém, PA : Instituto Museus, Arte e Cinema da Amazônia / Museu de Arte Xumucuís, 2026.

1 recurso eletrônico (60 p.) : il. color. ; PDF.

ISBN 978-65-970613-0-3

1. Arte contemporânea — Amazônia — Exposições. 2. Arte digital — Amazônia. 3. Arte e tecnologia. 4. Catálogos de exposições. I. Silva, Ramiro Quaresma da. II. Beça, Anibal Turenko. III. Título.

CDD 700

Imagem da capa: detalhe da obra **Faísca, trovão e tempestade** de **Julia Goulart**.

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral
Deyse Marinho

Curador
Ramiro Quaresma

Curador Adjunto
Turenko Beça

Prod. Executiva - Marabá (PA)
Jairon Gomes

Assistente de Produção - Marabá (PA)
Cleto Loureiro

Assistente de Montagem - Marabá (PA)
Vicente Marinho

Montagem - Marabá (PA)
Equipe Pontal Instituto Cultural
Amanda Gondim
Markus Vinicyus
Rafaela Cardozo
Mateus Reis

Prod. Executiva - Manaus (AM)
Turenko Beça

Assistente de Produção Manaus (AM)
Victor Zagury

Montagem - Manaus (AM)
Equipe CAUA - UFAM
Renato Pinto - Diretor do CAUA
Paulo Barbosa - Curador da Galeria do CAUA

Artur Dória
Belém - PA

Bárbara Savannah
Belém - PA

Galvanda Galvão
Belém - PA

Henrique Montagne
Belém - PA

Julia Goulart
Belém - PA

Juliana Lama
Manaus - AM

Karina Martins
Belém - PA

Lucas Wilm
Marabá - PA

Mileide Barros
Belém - PA

PV Dias
Belém - PA

Thay Petit
Belém - PA

Victor Zagury
Manaus - AM

Wira Tini
Manaus - AM

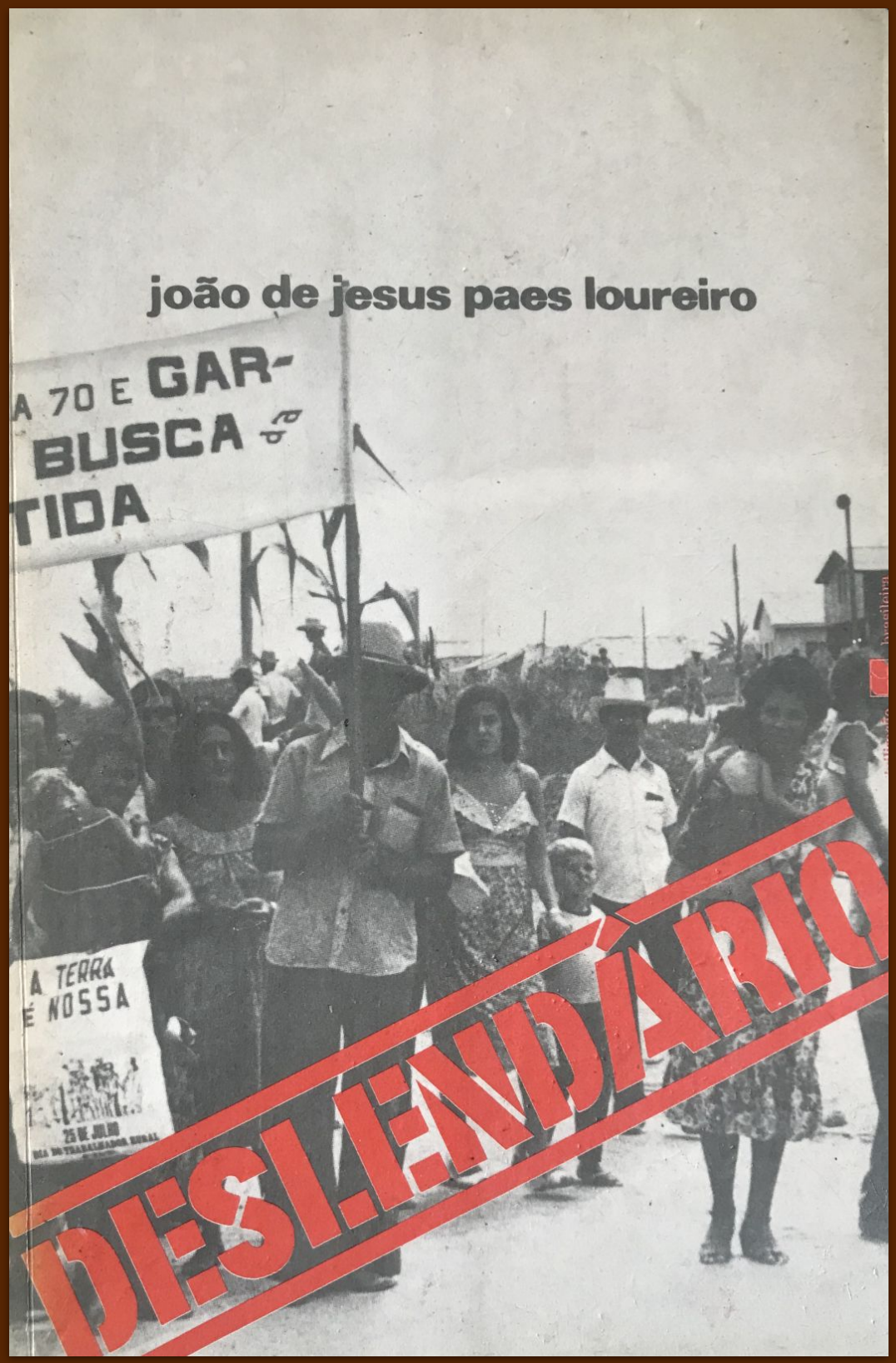
Yuri Amorim
Belém - PA

TEXTO DE ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

A Amazônia é um território vibrante de invenção e resistência, reivindicando seu protagonismo na cena contemporânea em um fluxo contínuo entre águas e subjetividades. Nesta quinta edição, o Xumucuís descentraliza suas ações para fomentar novos diálogos dentro de nossa própria geografia — uma visagem que insiste em reencantar-se. A curadoria mergulha no 'Deslendário', de João de Jesus Paes Loureiro. Quatro décadas após sua publicação, os versos de Paes Loureiro ainda pulsam como intervenções necessárias diante das urgências sociais, políticas e ambientais que atravessam a floresta. Propomos um mosaico imagético complexo, no qual a arte digital e suas interações operam como ferramentas de confluência. Aqui, o contemporâneo manifesta-se em uma força criativa que desafia o isolamento e promove o intercâmbio de saberes, garantindo que a memória e o devir da Amazônia sejam revistos em suas próprias iconografias e tecnologias.

Ramiro Quaresma
Idealizador e Curador

Turenko Beça
Curador Adjunto



Deslendário, de J. J. Paes Loureiro. Ed. Civilização Brasileira, 1981.

Xumucuís #5: Deslendário

Desde 2011, o Xumucuís vem construindo um espaço de pesquisa, experimentação e encontro entre arte contemporânea e tecnologia na Amazônia. Idealizado por **Ramiro Quaresma e Deyse Marinho**, o projeto realizou seus três primeiros salões em um percurso que reuniu seis exposições e mais de uma centena de artistas. O primeiro **Salão Xumucuís de Arte Digital**, apresentado na Casa das Onze Janelas, em Belém, abriu suas portas a produções de diferentes regiões do Brasil, aproximando o público de instalações, vídeos, gravuras digitais, performances e experiências interativas. Integrando esse primeiro ciclo, o **Panorama da Arte Digital no Pará**, realizado em 2012 no Espaço Cultural Banco da Amazônia, com curadoria de Ramiro Quaresma e John Fletcher, voltou o olhar à produção paraense e às suas maneiras de interrogar o corpo, a memória, a paisagem e as relações mediadas pelas tecnologias.

O segundo salão, em 2013, desdobrou-se entre a Galeria do Centro Cultural Brasil–Estados Unidos e o Museu do Estado do Pará, sob o tema **@mazônia Artemídia**. Seus **hiper_espaços** articularam exposições, intervenções audiovisuais em espaços públicos e ações formativas, ampliando os lugares de circulação e fruição das obras. Em 2014, o terceiro salão retornou à Casa das Onze Janelas e ao Espaço Cultural Banco da Amazônia, onde apresentou o dispositivo **Afluentes Amazônicos**. Ao longo dessas experiências, a pergunta sobre o que constitui a arte digital permaneceu aberta: atravessava os suportes, os procedimentos de criação e as formas de participação do público. A exposição se afirmava como um laboratório temporário, sustentado pela colaboração entre artistas, curadoria, equipes técnicas e instituições, no qual cada montagem exigia também inventar condições para que as obras pudessem acontecer.



Na **quarta edição**, realizada em 2025, esse percurso assumiu outro formato. O **Xumucuís** passou a reunir exclusivamente artistas amazônidas, convidados e selecionados por chamada pública, concentrando sua atenção nas pesquisas e nos modos de criação produzidos a partir da região. As **intervenções multimídia** em Abaetetuba e Bragança antecederam a exposição no Instituto Arraial do Pavulagem, em Belém, aproximando a produção artística de diferentes territórios e públicos. Nesta edição, a interlocução curatorial tornou-se um processo de acompanhamento mais direto: os artistas foram convidados a desenvolver trabalhos inéditos ou a colocar obras já existentes em diálogo com uma proposição compartilhada. A exposição começou, assim, antes da montagem, nas conversas, leituras, escolhas e transformações que constituíram sua elaboração.

Foi nesse movimento que iniciamos a aproximação com a trilogia amazônica de **João de Jesus Paes Loureiro**. Para nós, filhos de **Abaetetuba**, assim como o poeta, essa escolha envolve uma relação com a língua, as imagens e as experiências de um território que participa de nossa formação. “Porantim” orientou a quarta edição; “Deslendário” esta quinta, e “Altar em Chamas” anuncia a continuidade do percurso. A poesia oferece um campo de interlocução no qual cada artista pode reconhecer inquietações e construir suas próprias respostas. Em **Deslendário**, a violência dos projetos de desenvolvimento, a devastação da floresta e a ruptura dos mundos amazônicos atravessam a linguagem. Sua leitura nos conduz a perguntar o que acontece com os seres, os saberes e as imagens quando um território é convertido em recurso — e quais forças continuam a produzir existência diante desse esvaziamento.

Imagem: Exposição do Xumucuís #4: Porantim, Instituto Arraial do Pavulagem. Belém-Pa. 2025

A chamada pública do **Xumucuís #5** realizada por Ramiro Quaresma, pelo curador adjunto **Turenko Beça** e pela coordenadora geral Deyse Marinho, reuniu **Artur Dória, Julia Goulart, Juliana Lama, Karina Martins, Lucas Wilm, Thay Petit e Yuri Amorim**. A diversidade de suas trajetórias permitiu compor um conjunto no qual a experiência com tecnologias se encontra com práticas de ateliê, pesquisas acadêmicas, arquivos pessoais, conhecimentos territoriais e processos de criação desenvolvidos entre diferentes linguagens.

Artur Dória, artista, pesquisador e escritor, doutor em Artes pela UFPA, investiga as relações entre corpo, cidade e colapso ecológico, fazendo do caminhar uma prática performativa e um procedimento de pesquisa. **Julia Goulart**, multiartista e designer em formação pela UFPA, trabalha com colagem, ilustração e animação analógica, construindo visualidades que aproximam elementos amazônicos, experiências ribeirinhas e corpos negros e LGBT. **Juliana Lama**, artista visual de família manauara e mestra em Artes Visuais pela UFBA, pesquisa narrativas caboclas e originárias, sonhos e relações com bichos e entes, articulando pintura, processos fotográficos alternativos e intervenções urbanas.

Karina Martins atua como fotógrafa, pesquisadora e produtora cultural em Belém, desenvolvendo uma produção em fotografia expandida atravessada pela memória, pelo arquivo e pelas culturas populares e religiões afro-ameríndias. **Lucas Wilm**, artista de Marabá com formação em Comunicação Social e Artes Visuais, explora vídeo, desenho e processos tecnológicos, com participação em circuitos de arte digital e pesquisas voltadas à instabilidade das imagens. **Thay Petit**, artista visual e doutora em Antropologia Social, aproxima o grafite, a pintura e a ilustração digital de experiências cotidianas amazônicas, com atenção às sensibilidades e ao protagonismo de mulheres negras. **Yuri Amorim**, formado em Artes Visuais pela UFPA, reúne experiências em fotografia, educação e criação artística, desenvolvendo uma pesquisa que aproxima a imagem fotográfica da cerâmica de Icoaraci.

Entre os artistas convidados, **Bárbara Savannah** e **Mileide Barros** apresentam percursos em que a elaboração de imagens acompanha experiências de pertencimento e reinvenção da Amazônia. Nascida em Curralinho, no Marajó, Bárbara desenvolve uma pesquisa em pintura e outros suportes na qual formas orgânicas, espiritualidade, corpo e memória constituem um território sensível. Mileide, artista visual graduada em Filosofia e mestranda em Artes pela UFPA, articula desenho, aquarela, gravura digital e animação a partir de sua experiência como mulher negra e LGBTQIA+ criada na periferia de Belém, produzindo narrativas que aproximam referências regionais e linguagens contemporâneas.

Galvanda Galvão e **Henrique Montagne** trabalham com imagens que tensionam os modos de narrar e reconhecer a experiência. Colagista, videoartista, fotógrafa e educadora, Galvanda reúne formação em Ciências Sociais, Teoria Literária e Artes, aproximando poesia, fragmento e experimentação audiovisual em práticas individuais e coletivas. Henrique, artista visual formado pela UFPA e mestrando em Artes, desenvolve uma produção multimídia em desenho, fotografia, performance e instalação, dedicada às vivências homossexuais e LGBTQ+, às relações afetivas e às disputas em torno de gênero, sexualidade e memória.

PV Dias, Victor Zagury e Wɨra Tini completam o conjunto de convidados, aproximando investigação histórica, intervenção urbana e afirmação de perspectivas amazônicas. PV Dias trabalha com arquivos e fabulações críticas sobre territórios colonizados, articulando pintura, colagem, fotografia e arte digital a uma trajetória de pesquisa em Ciências Sociais. Victor Zagury, o ZAG, é artivista urbano e designer gráfico de Manaus, com atuação em graffiti, stencil e colagem voltada às questões socioambientais e ao debate climático. Wɨra Tini, artista visual, muralista e pesquisadora do povo Kokama, conecta sua identidade indígena e ribeirinha à arte urbana, à sabedoria feminina e às relações entre floresta e cidade, afirmando a presença contemporânea dos conhecimentos de seu povo.

A realização da exposição em Marabá encontrou no **Pontal Instituto Cultural** uma parceria fundamental. A cidade ocupa um lugar decisivo na leitura que propomos de “Deslendário”: sua história e seu território são atravessados pelos conflitos de ocupação, exploração e transformação da Amazônia que mobilizam a poesia de Paes Loureiro. Apresentar as obras nesse contexto permitiu colocá-las em contato com experiências próximas das questões que as atravessam. O trabalho compartilhado com o Pontal, suas equipes e os agentes culturais locais tornou possível a montagem, o acolhimento dos visitantes e as atividades de encontro e formação, fazendo da circulação uma experiência de troca.





Em Manaus, a parceria entre a **Galeria de Arte da Universidade Federal do Amazonas — CAUA –UFAM** e a **Trama Galeria** ampliou esse diálogo. O CAUA–UFAM recebeu a exposição e participou de sua montagem, enquanto a Trama colaborou na produção, articulando condições para a circulação e o encontro com a cena artística local. A atuação de Turenko Beça na curadoria adjunta e na produção em Manaus foi importante para essa aproximação entre artistas, instituições e públicos. Ao chegar à cidade, a exposição passou a integrar outra rede de relações, aberta às leituras de estudantes, pesquisadores, artistas e visitantes.

Imagem 01: obra de Galvanda Galvão em Marabá - PA / Imagem 02: obra de Henrique Montagne em Manaus - AM.

Nos vídeos de Artur Dória e Lucas Wilm, o corpo e a imagem experimentam condições distintas de vulnerabilidade. Em **Pé(r)curso em membrana permeável**, Artur faz do deslocamento por Belém uma ação na qual a roupa, o corpo e a cidade se afetam: a figura caminhante, coberta por vestes que se desfazem, permanece exposta ao contato com o mundo. Lucas, em **Compilado de três faces corrompidas**, intervém nos processos de compactação da imagem por meio de código, produzindo falhas que alteram sua aparência e sua legibilidade. Entre o tecido em desgaste e o arquivo corrompido, os trabalhos nos colocam diante de superfícies que deixam de cumprir sua promessa de proteção ou estabilidade. O percurso e o erro tornam-se meios de perceber aquilo que a imagem habitualmente organiza e oculta.



O onírico e a presença dos seres míticos aproximam Bárbara Savannah, Mileide Barros e Wɨra Tini, embora cada artista lhes atribua uma direção própria. Na série **Eu tive fome e não me deste de comer,** Bárbara associa a invenção simbólica à urgência da alimentação, fazendo da fome uma questão que atravessa o corpo e a responsabilidade coletiva. Em **A primeira Caruana**, Mileide mobiliza uma visualidade pop e a animação para atualizar a presença de um ser da encantaria amazônica. Já **Seres Kukama**, de Wɨra, afirma referências de seu povo por meio da pintura digital, construindo imagens nas quais a ancestralidade participa do presente. Nesse encontro, o sonho e o mito permitem formular perguntas sobre a vida material, as relações de cuidado e o direito de existir segundo diferentes modos de compreender o mundo.

Imagem: obra de Bárbara Savannah em Marabá - PA.

Nas colagens de Julia Goulart, Galvanda Galvão e Juliana Lama, fragmentar e recompor são operações de pensamento. A série **Faísca, trovão e tempestade**, de Julia, aproxima a manipulação das imagens da força poética de “Deslendário”, fazendo do corte e da alteração cromática possibilidades de reorganizar paisagens e sentidos. Em **Risco** e **Cravo sonho**, Galvanda conduz recortes e palavras por um processo que atravessa o analógico e o digital, no qual a poesia participa da própria construção visual. Juliana, em **Narrativário**, aproxima a leitura de Paes Loureiro de pesquisas sobre a arqueologia amazônica, a terra preta e os conhecimentos de ocupação do solo. Suas imagens interrogam a desqualificação histórica de tecnologias originárias e restituem à narrativa sua capacidade de transmitir conhecimento. Reunidos, esses trabalhos fazem da montagem uma maneira de disputar as relações entre memória, natureza e futuro.



A alegoria opera nos trabalhos de ZAG, Thay Petit e PV Dias como uma forma de tornar sensíveis processos de violência e resistência. Em **Último canto em fogo**, ZAG coloca o uirapuru diante das chamas, aproximando a ameaça à vida da floresta do apagamento de seus mundos culturais. Em **Re-encantado**, Thay apresenta um boto canoeiro que atravessa uma paisagem marcada pela exploração: sua presença sustenta a possibilidade de passagem entre dimensões que a lógica da mercadoria não consegue conter. Na animação **Bate-batuque-bate**, PV Dias mobiliza ritmo, movimento e uma visualidade próxima dos quadrinhos para abordar a violência policial contra manifestações populares. O canto, a travessia e o batuque adquirem, assim, força política: fazem ouvir e ver aquilo que se tenta interromper.

Imagem: obra de Julia Goulart em Manaus - AM.



O encontro entre objeto e desenho, em Karina Martins, Yuri Amorim e Henrique Montagne, devolve à exposição a espessura material das imagens. Em **Olhar de dentro**, Karina trabalha com fotografias de sua primeira infância, impressão em tecido e bordado, aproximando a memória pessoal de gestos de elaboração e cuidado. Yuri, em **Quiromancia da terra**, articula gravura digital e cerâmica para deslocar a leitura do destino: a pergunta sobre o futuro passa a envolver a terra e as formas de vida que a constituem. Henrique, na série **Caçando glórias entre cobras e peixes de ouro na mata dos segredos**, produz desenhos que simulam registros fotográficos e interrogam os repertórios pelos quais a Amazônia e seus corpos foram representados. Nesses trabalhos, lembrar, pressentir e fabular são ações realizadas com materiais, técnicas e imagens cujas histórias permanecem em disputa.

Agradecemos à **Funarte** pela iniciativa de incentivar as ações continuadas em artes visuais e reconhecer que a permanência também é uma condição de criação. Sustentar um projeto ao longo do tempo permite aprofundar pesquisas, acompanhar artistas, formar equipes, construir parcerias e aprender com cada encontro. O apoio ao Xumucuís torna possível retomar questões e experimentar outras formas de exposição, circulação e diálogo a partir da Amazônia. É nessa continuidade, feita de trabalho e abertura ao desconhecido, que encontramos condições para seguir criando.

Ramiro Quaresma
Idealizador e Curador

Imagem: obra de Karina Martins em Marabá - PA.

XUMUCUÍS #5

DES LENDA RIO

Artistas / Obras

ARTUR
DÓRIA

Belém-PA



Artur Dória é artista e pesquisador, Doutor em Artes pela UFPA (2022), mestre em Artes e graduado em Jornalismo pela UFC. Atua no campo da performance, investigando as relações entre corpo e cidade diante do colapso ecológico. Seus processos articulam o caminhar como prática performativa e a performance como método de pesquisa, integrados à escrita. Entre seus trabalhos destacam-se “Paisagens Caminhantes”, “Corpoentorno” e as séries “Os amigos que desconheço” e “Geografias para pisar descalço”. Também é poeta e escritor, autor de livros de poesia e contos, como “Trago de Passos Descalços” e “Túmulo de Vagalumes”.







Pé(r)curso em membrana permeável / 2026 (frames)
Performance orientada ao vídeo, 20 min.
Artur Dória

BARBARA
SAVANNAH

Belém-PA



Bárbara Savannah (Curralinho, Ilha do Marajó,PA) é artista visual e pintora radicada em Belém do Pará. Autodidata, desenvolve desde 2018 uma pesquisa que ressignifica elementos da cultura popular amazônica por meio de composições abstratas e formas orgânicas em diferentes suportes. Sua obra transita entre o sensível e o simbólico, atravessada por atmosferas espirituais e oníricas, abordando temas como fé, pertencimento, corpo e memória. O território amazônico surge em sua produção como campo afetivo, espiritual e formador de identidade. Participou de exposições como a II Bienal das Amazônias (2025), ARTEPARÁ (2024), Ling Apresenta – Instituto Ling (2024) e MAJ – SESC Ribeirão Preto (2024).



Eu tive fome e não me deste de comer (série) / 2026
Gravura e colagem digital
Bárbara Savannah



Eu tive fome e não me deste de comer (série) / 2026
Gravura e colagem digital
Bárbara Savannah



Eu tive fome e não me deste de comer (série) / 2026
Gravura e colagem digital
Bárbara Savannah

GALVANDA
GALVÃO

Belém-PA



Galvanda Galvão é colagista, videoartista, fotógrafa, educadora e ouvinte. A colagem como experimento antropofágico - fragmentos sonoros em travessias, o desvio, a rua, a partilha contra a reprodução: a poesia. Muitas ocupações com colagem/lambe lambe, Exposições com videoarte, 2025/2026 - Belém, Madrid, Mosqueiro. "Memórias Sonoras" para 19ª Primavera dos Museus com Expressart Museu Interativo - Ariramba - PA e IBRAM. Graduada em Ciências Sociais (PUC-SP). Mestra em Teoria Literária (UNESP-SP) e Doutora em Artes - Poéticas Visuais (PPGArtes-UFPA). Participa dos projetos de artivismo Cidade em Frestas e Rádio Estamira. Realiza pelo seu coletivo Sibila Filmes diversos experimentos audiovisuais e artísticos.



Risco / 2026
Colagem digital
Galvanda Galvão



Cravo sonho I / 2026
Colagem digital
Galvanda Galvão



Cravo sonho II / 2026
Colagem digital
Galvanda Galvão

HENRIQUE
MONTAGNE

Belém-PA



Henrique Montagne é artista visual, nascido e criado na periferia de Belém do Pará. É graduado em Artes Visuais (ICA-UFPA) e Mestrando em Artes (PPGArtes-UFPA). Em seu trabalho artístico trás o universo das vivências de corpos homossexuais e LGBTQ+ brasileiros. Evidenciando narrativas destas vivências de forma poética e política. Trazendo assim reflexões e obras sobre papéis de gênero, sexualidade, amor, solidão e cultura queer. Seu trabalho é multimídia, tendo como base práticas do desenho, fotografia, performance, instalação e o texto inserido na arte contemporânea. Foi indicado ao Prêmio PIPA 2022. Realizou as individuais "Tybyras" (Museu da Diversidade Sexual, 2025), Invertido (Casa das Artes, 2023), Suaves Brutalidades (2021). Participou de exposições no Brasil, Portugal, Estados Unidos e Grécia.



Caçando glórias entre cobras e peixes de ouro na mata dos segredos (série) / 2026
Desenho
Henrique Montagne



Caçando glórias entre cobras e peixes de ouro na mata dos segredos (série) / 2026
Desenho
Henrique Montagne

JULIA
GOULART

Belém-PA



Julia Goulart é multiartista e designer em formação pela UFPA. Especializada em collage, ilustração e animação analógica com ênfase em elementos amazônicos. Desenvolve pesquisa sobre corpos dissidentes na collage em campos analógicos e digitais, incorporando elementos da cultura regional paraense. Suas obras encontram na região Norte a referência para visualidades surreais, narrativas dos povos ribeirinhos e da população negra LGBTQIA+, utilizando-se de recortes, rasgos e materiais reciclados nessa construção imagética.



Faísca, trovão e tempestade (série) / 2026
Colagem e gravura digital
Júlia Goulart



Faísca, trovão e tempestade (série) / 2026
Colagem e gravura digital
Júlia Goulart



Faísca, trovão e tempestade (série) / 2026
Colagem e gravura digital
Júlia Goulart

JULIANA
LAMA

Manaus-AM



Juliana Lama é artista visual nascida no DF, de família manauara. Pesquisa dentro do ambiente das narrativas caboclas e originárias, suas relações com o sonho e a intimidade com bichos e entes, entre conhecimento e memória. É mestra em Artes Visuais pela UFBA, trabalha com pintura, processos alternativos em fotografia e intervenções urbanas como murais e lambe-lambe. Foi premiada pelo Transborda Brasília (2018), participou do Vulica Brasil (2025), integrou exposições no MAM-Salvador (BA), MUNCAB (BA) e MABE (PA).





Narrativário (díptico) / 2026
Colagem e pintura digital
Juliana Lama

KARINA
MARTINS

Belém-PA



Karina Martins vive e trabalha em Belém, atuando como fotógrafa, pesquisadora e produtora cultural. Desenvolve trabalhos em fotografia expandida, incluindo séries, instalações, vídeos e livros de artista. Sua produção transita entre o documental, o poético e o experimental. Pesquisa religiões afro-ameríndias e culturas populares do Pará em projetos de longa duração. Aborda memória, arquivo e patrimônio em poéticas visuais. Utiliza processos alternativos como cianotipia e fitotipia. Participa de exposições e festivais desde 2013, com premiações relevantes. Também atua em projetos colaborativos, curadoria e produção cultural.



Olhar de dentro / 2026
Instalação (impressão em tecido e bordado
Karina Martins

LUCAS
WILM

Marabá-PA



Lucas Wilm é artista visual, bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia (2013), e licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2025). Desenvolve trabalhos que transitam entre arte digital, vídeo, desenho e experimentações com imagem e processos tecnológicos. Participou de exposições e festivais nacionais e internacionais, como Glitch Art BR (2023 e 2024), Fubar Festival (2024, Zagreb – Croácia), The Wrong Biennale (2025) e EmMeio (2024 e 2025, Brasília). Em 2026 realizou sua primeira mostra individual, essa exposição é um erro, em Marabá (PA). É membro da Associação de Artistas Visuais do Sul e Sudeste do Pará é cofundador do Coletivo Memória Viva.



Compilado de três faces corrompidas / 2026
Vídeo arte
Lucas Wilm

MILEIDE
BARROS

Belém-PA

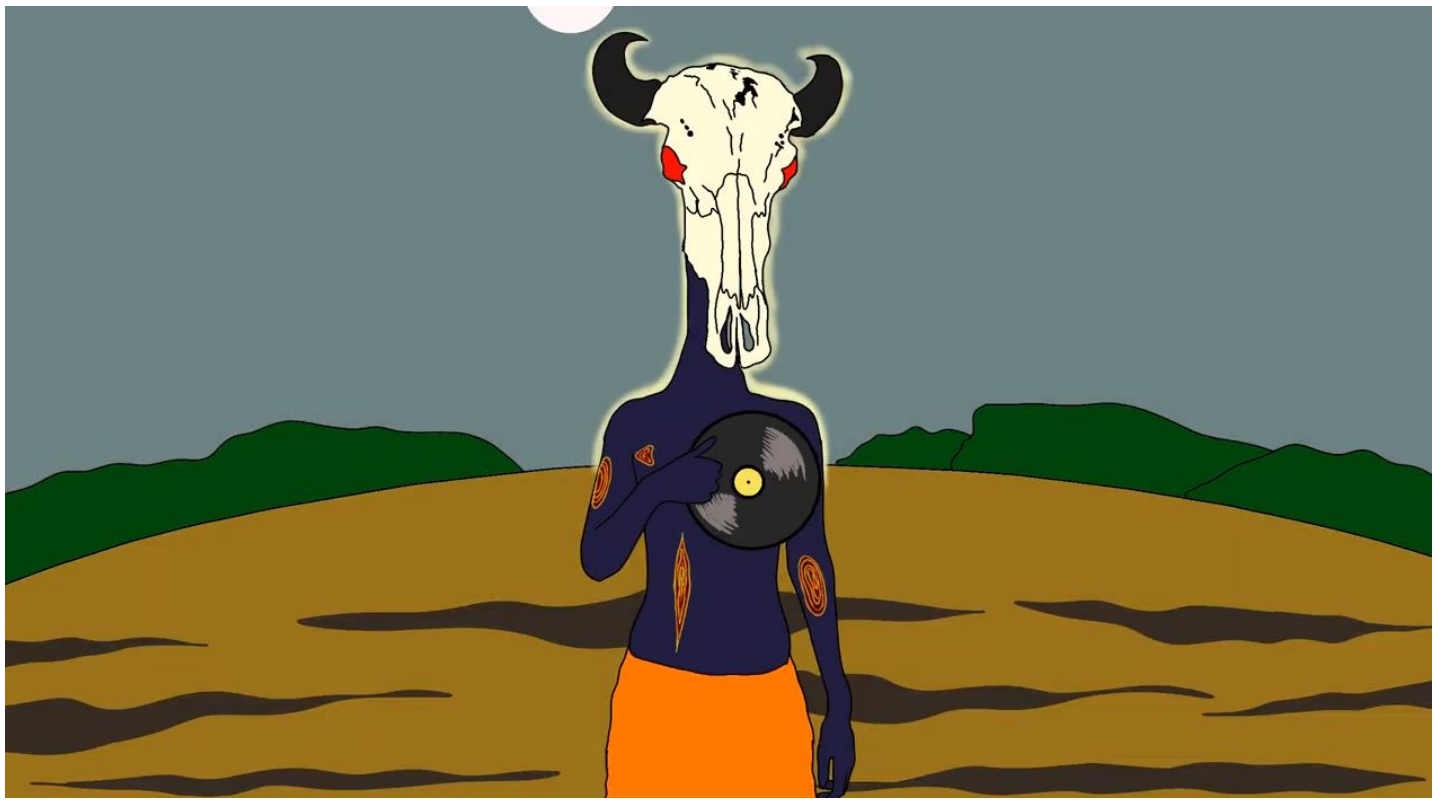


Mileide Barros é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, graduada em Filosofia e artista visual. Em suas obras mescla diferentes técnicas para criar narrativas regionais e amazônidas. Negra, LGBTQIA + crescida no bairro do Bengui, periferia de Belém-PA. Desenvolve diferentes técnicas e linguagens visuais, desde o giz pastel, aquarela, desenho digital e animação 2D, participou de exposições coletivas como “Levantes amazônicos" e "Mil Marias e 18 ODS", "Jaguar Parade - Belém". Realizou sua primeira curadoria artística com a mostra: “Entre o sagrado e o profano poéticas homoafetivas” (2025).



A primeira Caruana / 2026
Gravura digital
Mileide Barros





A primeira Caruana / 2026 (frames)
Vídeo (animação) 1 min.
Mileide Barros

PV
DIAS

Belém-PA



PV Dias investiga arquivos históricos para articular novas narrativas e fabulações críticas em territórios colonizados. Mestre e doutorando em Ciências Sociais pela UFRRJ, formou-se na EAV Parque Lage, atuando com pintura, colagem, fotografia e arte digital. Em 2024, realizou a individual “Rádios-Cipós” no CCSP e, em 2023, integrou a 1ª Bienal das Amazônias. Participou de mostras como “Warmth” (Genebra), “Funk!” e “Casa Carioca” no Museu de Arte do Rio e Salão Arte Pará. Transita entre a rasura de histórias oficiais e a criação de novas visualidades, tensionando as heranças coloniais, suas obras compõem acervos como o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte do Rio e a Coleção Amazoniana da UFPA.



Bate-batuque-bate / 2026
Vídeo arte (animação)
PV Dias

THAY
PETIT

Belém-PA



Thay Petit é artista visual e doutora em antropologia social, com uma trajetória artística que vem se construindo a partir de 2015. Sua expressão visual emerge da técnica do graffiti, embora também explore outras formas de pintura em um processo autodidata contínuo. Nos últimos anos tem se consolidado na ilustração digital e na criação de estampas autorais. Suas obras são inspiradas pela vida cotidiana amazônica, destacando o protagonismo de mulheres negras na e da Amazônia, imersas em suas sensibilidades e afetividades.



Re-encantado / 2026
Pintura digital
Thay Petit

VICTOR ZAGURY

Manaus-AM



Victor Zagury é um artivista urbano e designer gráfico natural de Manaus. Membro do Artist From Climatic (FineActs), com prática abrangendo graffiti, stencil e colagem digital e analógica, focada em causas socioambientais. Em 2022, estreou na coletiva "Legado na comunidade" no MUMA. Em 2023 realizou a individual "Night Watch" sob curadoria de Turenko Beça. Em 2024, atuou em projetos como o Laboratório dos Sonhos (UNICEF) e foi curador da mostra "Cola com Noix". Em 2025, assinou a identidade visual do TEDx Belém e da Casa TED COP30, além de integrar a Bienal do Cairo e a exposição Xumucuís #4. Sua obra faz parte da iniciativa global TED Countdown (The Climate Collection), reforçando sua atuação na intersecção entre arte, resistência e o debate climático na Amazônia.



Último canto em fogo / 2026
Pintura digital
ZAG

WiRA
TINI

Manaus-AM



Wɨra Tini é uma artista visual, muralista e pesquisadora do povo Kokama. Expressa sua identidade ribeirinha ao conectar conhecimentos tradicionais com perspectivas contemporâneas. Idealizadora do festival e da revista "Graffiti Queens", focados no protagonismo feminino na arte urbana, ela expande sua voz para o cenário internacional com passagens pela França e Estados Unidos e, mais recentemente, na II Bienal das Amazônias (2025). Sua prática artística é uma ferramenta de luta pela visibilidade da cultura indígena amazônica, combatendo estigmas que reduzem sua produção ao artesanato e pautando questões urgentes sobre o meio ambiente e a vida nas cidades. Natural de Manaus e descendente das tradições ancestrais de seu povo, utiliza a arte para apresentar cosmovisões que conectam a sabedoria feminina às raízes profundas da floresta.



Seres Kukama / 2026
Pintura digital
Wira Tini

YURI
AMORIM

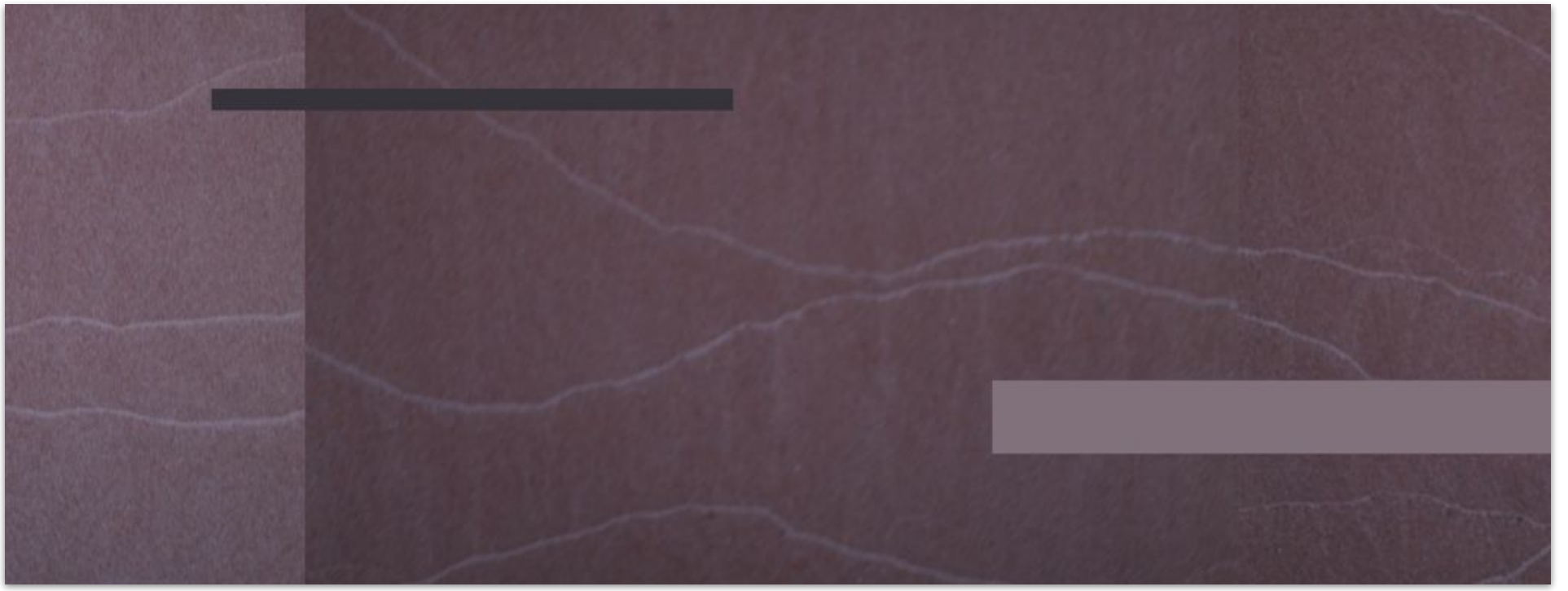
Belém-PA



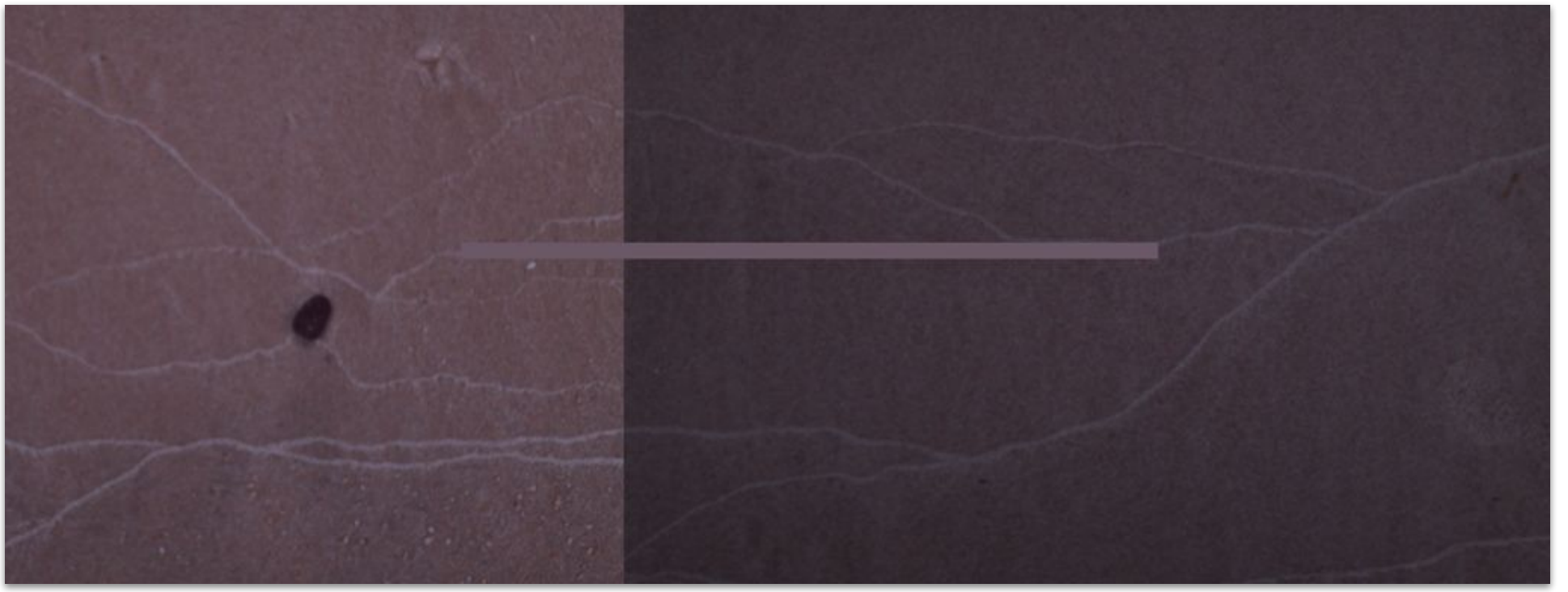
Yuri Amorim é Bacharel e Licenciado em Artes Visuais pela UFPA, com atuação em exposições e arte-educação. Participou de mostras como Salão Arte Pará, Sesc Universitário e Salão Primeiros Passos CCBEU. Em 2021, foi premiado pelo Museu de Arte de Goiânia e, em 2022, integrou a exposição "O negro na cultura e na história do Pará" no Museu de Arte Sacra. Atuou como fotógrafo, designer gráfico e professor de Arte-Educação na Seduc (2023-25). Atualmente, vive em Belém e desenvolve pesquisa artística que integra a linguagem fotográfica à Cerâmica de Icoaraci.



Quiromancia da terra / 2026
Instalação (gravura digital e cerâmica)
Yuri Amorim



Quiromancia da terra / 2026
Instalação (gravura digital e cerâmica)
Yuri Amorim



Quiromancia da terra / 2026
Instalação (gravura digital e cerâmica)
Yuri Amorim

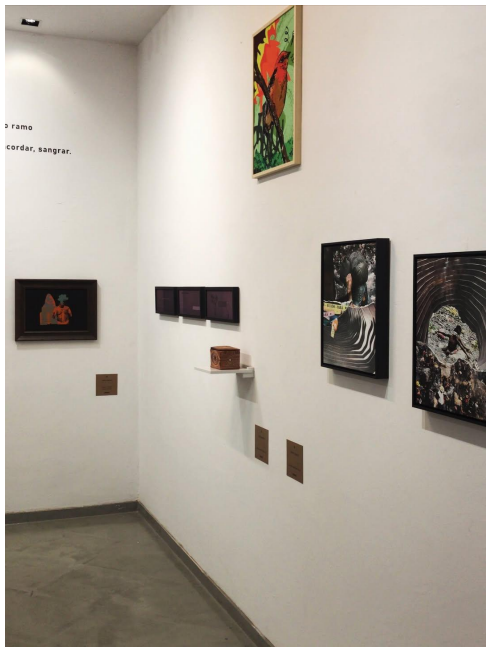


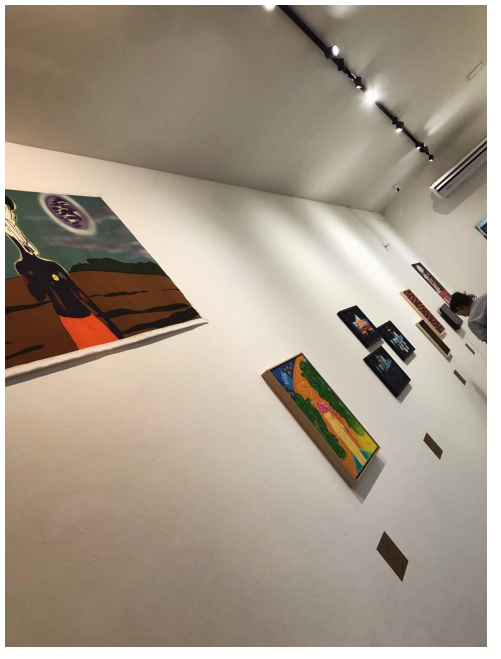
Quiromancia da terra / 2026
Instalação (gravura digital e cerâmica)
Yuri Amorim

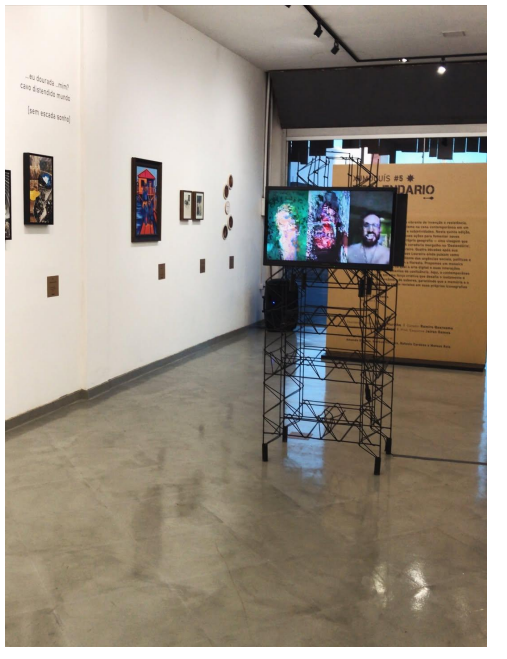
Marabá (PA)
Pontal Instituto Cultural
8 de maio a 6 de junho de 2026













Manaus (AM)
Galeria de Arte da UFAM
24 de julho a 27 de agosto de 2026













Xumucuís: Arte Contemporânea Digital Amazônica
foi contemplado no programa
Ações Continuadas - Artes Visuais / Funarte 2025.

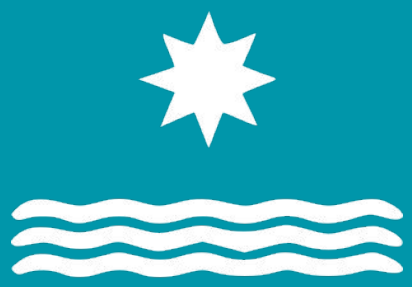
XUMUCUÍS #5 DESLENDÁRIO

APOIO MARABÁ / PA

APOIO MANAUS / AM

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO



Mais informações das obras e artistas, assim como os vídeos e imagens das exposições e projetos anteriores do Museu de Arte Xumucuís você encontra no nosso site:

xumucuis.art

Esta edição digital do catálogo **Xumucuís #5: Deslendário** foi composta com as fontes Atkinson e publicada em formato PDF pelo **Instituto Museus, Arte e Cinema da Amazônia**, em Belém do Pará, em 2026.

Design e editoração eletrônica: **Ramiro Quaresma**.

XUMUCUÍS #5

DES LENDA RIO

IMACA

MAS